

ECONOMIA

Juros e dólar no pior dos mundos

BC mantém Selic em 18% ao ano e câmbio dispara

Luciana Rodrigues

Juros altos, câmbio sob pressão e projeções cada vez mais pessimistas para a economia brasileira. As turbulências no mercado financeiro fizeram o Banco Central manter, ontem, a taxa básica de juros Selic em 18% ao ano pelo segundo mês consecutivo, adiando mais uma vez a retomada do crescimento econômico. Os analistas acreditam que só haverá espaço para um corte nos juros quando o dólar recuar. Mas o câmbio não dá sinais de trégua: ontem, a moeda americana voltou a disparar e fechou a R\$ 3,35.

Nesse cenário, alguns bancos já estimam um crescimento da economia menor do que 1% este ano, abaixo até mesmo do resultado do ano passado, de 1,51%. Seria o pior desempenho desde 1999, ano da mudança no regime cambial do país. Menor

expansão da economia significa que menos postos de trabalho serão criados. O desemprego, hoje em 7,5%, vem subindo desde o início do ano.

Dólar elevado e juros altos também pesam no bolso do consumidor. Mesmo com a taxa básica Selic estável desde julho, os juros no crediário subiram para 8,14% ao mês em agosto. A alta foi provocada por uma piora das taxas nos financiamentos entre bancos, diretamente afetadas pelo câmbio.

— A taxa que conta para o consumidor é a praticada pelo mercado — diz Carlos Kawall, economista-chefe do Citibank. — O câmbio é a grande

variável hoje. Quando o dólar sobe, os juros no mercado também aumentam, porque há a expectativa de inflação mais alta e, conseqüentemente, de que a Selic não será reduzida — completa.

Odaír Abate, economista-chefe do Lloyds TSB, lembra que o BC perdeu oportunidades de cortar os juros no começo do ano, quando não havia turbulências no mercado

— Agora, será preciso esperar o dólar recuar — diz. ■

COMO OS JUROS ALTOS E O DÓLAR CARO AFETAM A SUA VIDA

O dólar mais alto aumenta o preço dos produtos importados, dos bens que usam componentes do exterior e também dos alimentos, já que milho, soja, trigo e outros grãos são cotados no mercado internacional. Além disso, o dólar afeta diretamente as tarifas de energia elétrica e influencia os reajustes da gasolina e do gás de cozinha. Também nas tarifas de outros serviços públicos, como telefonia, há impacto do câmbio, já que a correção é feita por um índice de inflação (IGP-M) muito influenciado pelo comportamento da moeda americana.

OS EFEITOS

- **Aplicações:** Os juros mais altos melhoraram o rendimento da renda fixa e o dólar caro ajudaria os fundos cambiais. Mas, como o mercado financeiro está oscilando muito, os investidores podem não ter ganhos.
- **Crédito mais caro:** Com a Taxa Selic acima de 15% desde o começo do ano passado, o crediário em lojas e financeiras está cada dia mais caro.
- **Desemprego:** Com custos maiores para se financiar, as empresas investem menos, não aumentam a produção e criam menos postos de trabalho.
- **Crescimento:** Com as empresas produzindo menos e o consumidor reduzindo suas compras, o crescimento econômico do país diminui.
- **Dívida pública:** Com 53% da dívida interna corrigidos pela Taxa Selic e outros 28,5% pelo dólar, juros e dólar elevados fazem a dívida crescer.

A DISPARADA DA MOEDA (EM REAIS)



A TRAJETÓRIA DA SELIC (EM%)

O Banco Central (BC) decidiu ontem manter a taxa básica de juros Selic em 18% ao ano. O BC retirou, porém, o viés (tendência) de baixa dos juros, o que significa que a Taxa Selic ficará nesse patamar até a próxima reunião do Copom, em 23 de outubro.

BC considerou efeito do câmbio na inflação

Pressão do dólar caro sobre preços de energia e combustíveis impediu redução da taxa

Enio Vieira e Isabel Sobral (*)

BRASÍLIA. Os possíveis efeitos da alta do dólar sobre a inflação nos próximos meses impediram que o Banco Central baixasse a taxa básica de juros Selic. O Comitê de Política Monetária (Copom) do BC decidiu ontem por unanimidade manter os juros em 18% ao ano pelo segundo mês consecutivo e retirou a indicação de viés (tendência) de baixa, decidida em agosto. Assim, a taxa Selic ficará inalterada até a próxima reunião do Copom, marcada para os dias 22 e 23 de outubro, entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais.

“Diante de um quadro de volatilidade e incerteza, o Copom de-

cidu, por unanimidade, manter a taxa Selic em 18% ao ano”, diz a curta nota do BC, divulgada no início da tarde de ontem.

A manutenção dos juros já era esperada e, para analistas, deve-se aos efeitos do dólar alto nos preços de eletricidade, gás e gasolina. O BC não deve cumprir a meta de inflação de até 5,5% (pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo, o IPCA) este ano. O índice deve ficar em 6,5%.

O economista Alexandre Fischer, da RC Consultoria, concorda com a manutenção da taxa:

— Essa era a melhor decisão. Tirar o viés de baixa mostra mais realismo, pois o BC viu que não há espaço para baixar juros a curto prazo.

Para Fischer, a pressão sobre o dólar, tende a continuar nos próximos dias, pois ainda está difícil para as empresas brasileiras conseguirem novos empréstimos externos para rolar suas dívidas e, com isso, as firmas continuarão buscando dólares no mercado interno.

Para o economista Luiz Suzigan, da LCA Consultores, para reduzir a pressão sobre a taxa de câmbio, é preciso aumentar a taxa de renovação da dívida externa (das empresas) a curto prazo.

O economista do Instituto Brasileiro de Mercados de Capitais (Ibmc-Rio) Carlos Thadeu de Freitas também considera prudente a decisão do BC, diante do dólar pres-

sionado. Carlos Thadeu ressaltou, porém, que é bastante alto o atual patamar dos juros da economia no país. A retirada do viés de baixa, que permitiria um corte nos juros antes da próxima reunião do Copom, foi elogiada pelo economista.

— Só se coloca um viés quando se pode enxergar com clareza, pelo menos uns dez quilômetros na frente. Mas, atualmente, não se pode ver nem um palmo à frente do nariz. A indicação desse viés só estava confundindo o mercado financeiro. ■

(*) Do *GloboNews.com*

• DÓLAR TEM A SEGUNDA MAIOR COTAÇÃO NO REAL, na página 22

Copom decide juros básicos mensalmente

• O Comitê de Política Monetária (Copom) é formado pelos oito diretores do Banco Central (BC). Todos os meses, o Copom se reúne para decidir a taxa básica de juros da economia brasileira, chamada Taxa Selic. O objetivo do BC é fazer com que a inflação fique dentro da meta estabelecida pelo governo, que é de 3,5% este ano, podendo chegar a 5,5%. Quanto maior a taxa de juros, mais caro fica o financiamento ao consumidor, que passa a comprar menos, o que impede alta nos preços.

A faculdade onde você pretende estudar mantém um alto nível de exigência?

A faculdade onde você pretende estudar oferece a melhor infraestrutura?

A faculdade onde você pretende estudar possui professores capacitados? A maioria com doutorado?

ESTAS QUESTÕES SÃO FUNDAMENTAIS E A FACULDADE ONDE VOCÊ VAI ESTUDAR DEVE RESPONDÊ-LAS.

GRADUAÇÃO FGV 2003. ADMINISTRAÇÃO OU ECONOMIA.

Na Graduação da FGV seu talento é estimulado continuamente, seu potencial é testado em todos os momentos e suas aptidões são valorizadas. É isso que diferencia a FGV. É isso que diferencia nossos alunos.

GRADUAÇÃO FGV. QUEM APRENDE A PENSAR APRENDE A FAZER.

Prova anual. Praia de Botafogo, 190. Tel.: 2559-5555. www.fgv.br

Inscrições até 27/09

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

